



REPRESENTAÇÕES DE PROFESSORES E ALUNOS SOBRE A PESQUISA ESCOLAR: A LEITURA CRÍTICA, A ESCRITA AUTÔNOMA E A FORMAÇÃO DO CONHECIMENTO

Leizy Regina Fracasso Stefano¹

RESUMO: O presente trabalho depreende, a partir da voz de professores e alunos, as representações de ambos sobre a pesquisa escolar e sua influência na formação do cidadão, fomentando as discussões sobre a formação de conhecimento e o desenvolvimento da autonomia. Visa, especificamente, verificar se as representações imaginárias sobre a pesquisa refletem-se nas atividades de leitura, reflexão e escrita, e explicitar os elementos constitutivos de uma pesquisa: a motivação, a busca do tema, o questionamento, a investigação e a descoberta. Partindo da concepção de pesquisa como forma de construção de conhecimento, o trabalho, de cunho qualitativo-interpretativo, com aporte teórico na Linguística Aplicada, fundamenta-se em diversos autores da área da Educação, uma vez que focaliza a metodologia de pesquisa. A pesquisa focaliza quatro escolas (duas públicas e duas privadas) de Maringá, PR, sendo duas delas integradas a Instituições de ensino superior. O *corpus* constitui-se de dezessete questionários dirigidos a professores de Língua Portuguesa e 395 questionários respondidos por alunos de 5ª a 8ª séries do ensino fundamental, dentre os quais 137 são separados por amostragem. A análise enfatiza a utilização da biblioteca escolar, os hábitos de leitura docente e discente e as concepções de professores e alunos sobre o ato de pesquisar em si mesmo, ou seja, a frequência, os conteúdos tratados, a organização, os resultados, a avaliação e o conseqüente proveito dessa atividade. Conclui-se que a pesquisa é uma atividade interessante e criativa, que possibilita a fixação de conteúdos e a aquisição de conhecimentos e traz vantagens para a formação cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Representações imaginárias; pesquisa escolar; construção do conhecimento; leitura e produção escrita autônoma.

TEACHERS AND STUDENTS REPRESENTATIONS ON SCHOOL RESEARCH: CRITICAL READING, AUTONOMOUS WRITING AND THE CONSTRUCTION OF KNOWLEDGE

ABSTRACT: This work brings, from the voices of teachers and students, the representations they both have on school research and its influence in the formation of a citizen, promoting discussions on the construction of knowledge and the development of autonomy. It specifically aims at verifying if the imaginary representations on research are reflected on the reading activities, reflection and writing, and turn explicit the constitutive elements of a research: motivation, the theme's search, questioning, investigation and discovery. Taking as a starting point the conception of research as a way for the construction of knowledge, this qualitative and interpretative work, guided by the applied linguistics, is based on many authors in the educational area, since it focus on the research methodology. The research was carried out in four state and private schools in the city of Maringá-PR, two of them integrated to higher education institutions. The cohort is constituted of seventeen questionnaires directed to Portuguese language teachers and 395 questionnaires answered by students from the 5th to the 8th grade of primary education, from which 137 were separated by sampling. The analysis focus on the use of school libraries, students and teachers

¹ Mestre em Letras - Universidade Estadual de Maringá - e Docente do Centro Universitário de Maringá - CESUMAR, stefano@teracom.com.br



reading habits, students and teachers conceptions on research work per se, i.e., the frequency, the content, organization, results, assessment and the consequent benefits of this activity. It has been concluded that research is an interesting and creative activity that makes possible the better assimilation of themes and the acquisition of knowledge and brings advantages for the cultural formation.

KEYWORDS: Imaginary Representations; School Research; Construction of Knowledge; Reading and Autonomous Writing Production.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O processo da pesquisa escolar, embasado na leitura e na produção escrita, pode proporcionar condições de produção autônoma e criativa, com vistas ao desenvolvimento de um sujeito histórico, participativo e crítico. Esse ideal, entretanto, encontra-se comprometido, uma vez que, segundo Demo (2002, p. 52), o ensino, nas instituições do país, assume freqüentemente um aspecto instrutivo ou equivale a um mero treinamento, marcado pela relação autoritária entre professor e aluno, em que o primeiro ensina e o segundo aprende. Conhecimento é algo que, juntos, professores e alunos, constroem, tomando por base o conhecimento prévio de ambos, somado às atividades dirigidas em classe, e voltado para os valores culturais, indispensáveis para concretizar as atividades de ensino-aprendizagem de ler, compreender, interpretar, escrever.

Assim colocada, pesquisa como princípio educativo é habilidade básica do saber pensar em toda a vida, em todos os momentos, desde a educação infantil. [...] Pesquisa não é, nesta acepção, uma disciplina ou matéria, mas o ambiente da aprendizagem, permeando o curso inteiro, na condição básica central. [...] Pesquisar é a melhor maneira de aprender. (DEMO, 2002, p.113).

Nesse contexto, a pesquisa pode ser utilizada como atividade inovadora do conhecimento que ativa no aluno a capacidade de procurar por algo diferente e novo. Partindo do conhecimento já existente, professores e alunos podem, ao transformar seu conhecimento, organizar informações, tornando-se sujeitos capazes de construir a história individual e influenciar a história coletiva. O propósito é buscar entender como a pesquisa é tratada em escolas do ensino fundamental, a partir de considerações sobre sua importância e sobre os requisitos necessários para sua realização. Este artigo considera que o ponto de partida para qualquer pesquisa é a curiosidade, o interesse ou a necessidade, do professor ou do aluno, em encontrar respostas para perguntas sobre um assunto pouco conhecido para ambos. Dessa forma, o trabalho procura contribuir para as discussões sobre a formação do conhecimento e a autonomia do aluno, através da pesquisa escolar, averiguando as formas como professores e alunos concebem o papel da pesquisa na construção do conhecimento autônomo. Especificamente, o trabalho procurará depreender, a partir da voz de professores e alunos: 1) se atribuem importância ao ato de pesquisar, como adjuvante na leitura, na escrita, na expressão oral e na construção do conhe-

cimento; 2) quais as peculiaridades que reconhecem em cada uma das etapas envolvidas na realização de uma pesquisa; 3) quais os requisitos por eles indicados como necessários à realização de uma pesquisa escolar; 4) como ambos vêem a prática da pesquisa escolar, na cidade de Maringá, PR.

O desenvolvimento do presente trabalho foi motivado pela constatação da freqüente demanda de trabalhos de pesquisa na vida escolar da criança, a partir da 5ª série do ensino fundamental, período em que o aluno, já alfabetizado, apresenta certa autonomia na leitura e na escrita. Para tanto, quatro escolas de grande porte da cidade de Maringá – PR foram selecionadas, sendo duas delas, uma pública e a outra particular, localizadas na região central, e as outras duas integradas a instituições de ensino superior, uma particular e a outra pública. A intenção é verificar se as variáveis aí envolvidas são determinantes da representação que professores e alunos têm da pesquisa. A concepção sobre o ato de pesquisar dos professores de Português do ensino fundamental é obtida com o auxílio de um questionário que focaliza os objetivos, a metodologia e a forma de avaliação da pesquisa escolar. Outro questionário, destinado aos alunos, procura desvendar como estes concebem a realização de um trabalho de pesquisa em sala de aula, além de verificar até que ponto as expectativas de alunos e professores sobre essa atividade coincidem. A realização deste trabalho justifica-se pela importância de identificar o motivo, o momento e a forma como o professor de Língua Portuguesa julga trabalhar a pesquisa em sala de aula, bem como o reconhecimento das dificuldades relatadas pelos alunos que se envolvem nesse processo. O trabalho é baseado em autores da Linguística Aplicada, preocupados com o ensino e aprendizagem de língua materna, especificamente com as atividades de leitura e produção escrita. Graças a esse viés teórico, mostrou-se pertinente buscar o aporte teórico em vários autores da área da Educação, que enfocam o modo como ensinar e como realizar a atividade de pesquisa em sala de aula.

Uma discussão é proposta sobre o significado do ato de pesquisar, sua finalidade e objetivos. São aí focalizados os sujeitos envolvidos no processo de pesquisa: o aluno que o realiza e o professor que o orienta, e sobre os requisitos envolvidos na realização de uma pesquisa: a motivação, a busca do tema, o questionamento, a investigação e a reflexão sobre as leituras feitas, a organização do discurso na síntese dos resultados obtidos e a socialização desses resultados. Para tanto, é ressaltada a importância da posição ocupada pelo aluno em relação aos autores que fazem parte de sua fundamentação teórica e de normas e técnicas utilizadas pela comunidade científica. Os questionários dos profes-

sores e dos alunos são analisados, destacando-se a representação do papel que cada um deles considera ocupar no processo da pesquisa em sala de aula e o perfil profissional dos professores: a carga horária, a participação em projetos de pesquisa na graduação e pós-graduação, a importância que o professor afirma atribuir à formação do aluno como leitor, o acesso à biblioteca e as técnicas de leitura que busca utilizar em sala, como determinantes da leitura realizada pelo aluno e, conseqüentemente, sua visão da forma como se concretiza a pesquisa. Por fim, são consideradas as condições de realização da pesquisa, enfocando: o conteúdo, a metodologia utilizada, se e como a pesquisa é socializada, e a avaliação sobre os resultados obtidos pela comunidade estudantil. Por meio do questionário respondido pelos alunos, são selecionadas suas preferências de leitura e a forma como o aluno vê a realização da pesquisa, seu julgamento sobre a metodologia seguida pelo professor, com a esquematização das etapas seguidas, a apreciação dos resultados obtidos na concretização do trabalho e a avaliação de como a pesquisa influencia seus estudos.

2. A IMPORTÂNCIA DA PESQUISA EM SALA DE AULA

A finalidade da pesquisa não é apenas mostrar que o aluno leu certos autores ou que compreendeu a teoria em questão, mas ela visa reformular as idéias obtidas, enriquecendo-as através do questionamento. Ao redigir seu relatório de pesquisa, ele confirmará seu aprendizado, ou seja, mostrará o conteúdo resultante da pesquisa e os conhecimentos adquiridos que serão incorporados a sua experiência de vida. A pesquisa científica, feita "com o objetivo expresso de obter conhecimento específico e estruturado sobre um assunto" (BAGNO, 1998, p.18), é responsável pelos avanços científicos, indispensáveis para a elaboração do conhecimento. Entretanto, formular hipóteses, delimitar tópicos e definir as informações prioritárias e importantes para o seu trabalho são técnicas que requerem um raciocínio maduro do aluno e são difíceis de alcançar em um processo de pesquisa, por envolverem a formação crítica do leitor e o desenvolvimento da produção de texto. Dessa forma, ao solicitar a realização de uma pesquisa, é preciso que o professor ensine como ela deve ser feita, quais os procedimentos e etapas a serem seguidos. A realização de pesquisas é uma estratégia que permite alcançar essas transformações, uma vez que pesquisar é:

um processo de desencantamento e de encantamento simultâneos do mundo físico e social (...) penetrar na intimidade das camadas de leitura que vão sendo construídas pelo pesquisador através da sua interação simbólica do mundo (JOBIM; SOUZA, 2003, p. 81).

O processo de desenvolvimento da pesquisa possibilita destacar o papel do aluno no contexto cultural e histórico, que terá como objetivo aprender a produzir textos com qualidade científica, com rigor e argumentação própria e autônoma, propiciando ao máximo seu crescimento. Mas, não é só. A pesquisa, num processo de construção com objetivos comuns, "envolve aluno e professor, por-

que permite vislumbrar o pensamento do outro, seu raciocínio, sua maneira de ver os fatos e expor suas idéias" (FRISON, 2002, p.146). Uma vez que o conhecimento não vem pronto, mas resulta da compreensão e das experiências vividas, a pesquisa apresenta-se como uma estratégia pedagógica fundamental para a construção da aprendizagem, exigindo responsabilidade e troca. A cópia, a paráfrase ou o resumo servem de modelo para as principais produções do aluno, visto que o saber é reconstruído de forma pessoal e criativa, advinda de um conhecimento já instituído. Entretanto, o aluno não vai somente repetir ou conservar as verdades prontas, mas, através da reflexão, produzir algo novo.

O objetivo maior da pesquisa é organizar pensamentos e informações, fugindo da atitude passiva da cópia e inovando a forma de gerar novos conhecimentos. Para a realização da pesquisa, é relevante a redefinição da postura do aluno e do professor, que, juntos, partem para a reconstrução do conhecimento com o desafio de aprender, procurando respostas para questionamentos, dúvidas, incertezas ou desconhecimento de um assunto que lhes é de interesse. Com esta postura, o aluno se firma como sujeito autônomo e sente-se capaz de se colocar como autor de seu texto.

3. QUEM SÃO OS ENVOLVIDOS NO PROCESSO DE PESQUISA?

Ensinar não é simplesmente transmitir informação, mas possibilitar a construção do conhecimento. Ao considerar que tal construção se dá basicamente pelo processo de pesquisa, conduzido pelo professor, entender como o professor se posiciona "em relação ao ato de pesquisar e ao modo como o aluno se percebe nesse processo de construção" (FRISON, 2002, p.144) é compreender como a pesquisa acontece no cotidiano da sala de aula.

A escola atual não está empenhada em ensinar técnicas de base de uma verdadeira pesquisa, pois, de acordo com Serafini (2003, p.195), isso "requer um trabalho complexo de seleção de informações" e "as pesquisas são quase sempre inúteis", devido, principalmente, segundo a autora, à falta de interesse por parte dos alunos e à falta de condições dos professores. A pouca motivação de ambos os lados e os poucos recursos disponíveis para a realização da pesquisa e a obtenção de resultados favoráveis ao causas dessa situação encontrada nas escolas. É preciso orientar os alunos e encontrar temas interessantes para que a pesquisa se viabilize, sendo que "em toda pesquisa é importante que o aluno trabalhe sobre uma questão que o toque de perto" (SERAFINI, 2003, p.197). Assim, a autora sugere aos professores que comecem a trabalhar a pesquisa de uma maneira simplificada, auxiliando seus alunos na construção de um texto mais simples e levando-os à realização de verdadeiras atividades de pesquisa. Nesse sentido, a participação do professor em sala, como aquele sujeito que lê, participa, produz textos e escreve com autonomia e autoria, pode ser uma referência ao aluno, que o verá como o orientador que caminha junto com ele, possibilitando-lhe tornar-se um leitor crítico.

Grande parte do processo educativo que envolve a criança depende da motivação, de sua participação como indivíduo na es-

cola, possibilitando-lhe incluir-se ou não como cidadão na vida social da comunidade em que vive. Nesse processo, dependem do professor o aprimoramento e a avaliação, que mesclam o ensino-aprendizagem com bases teóricas e práticas; isto é, a escola, como responsável pela educação da criança, precisa trabalhar para formar cidadãos, e não se limitar ao mero ensino do conteúdo, à instrução ou treinamento do aluno para desenvolver os requisitos pretendidos por qualquer instituição educacional. O aluno deverá encontrar no professor um apoio para que esse processo se inicie, e o professor buscará despertar o interesse no aluno, através de um ambiente adequado e propício à aprendizagem.

Em lugar de ser o interceptador da verdade ou o conhecedor dos conteúdos, o professor precisa ser aquele que orienta de maneira atuante. Desta maneira, o professor proporciona ao aluno a oportunidade de diálogo, num jogo de perguntas e respostas em que não há apenas uma única direção. O aluno não será, assim, um indivíduo condicionado e passivo diante de sua aprendizagem, mas ocupará a posição de um sujeito atuante, que questiona, inventa e busca, por si mesmo, produzir seu conhecimento, escolhendo suas leituras e produzindo seu próprio discurso. A ele cabe a função de reagir, de buscar e conquistar um espaço próprio, por meio de estímulos internos e externos, pela criatividade que o caracteriza. Os alunos, passivos, não estão habituados a trabalhar com autonomia e esperam, para tomar um posicionamento, um roteiro dado pelo professor ou pelo livro didático, esquematizado por um cronograma de provas e tarefas agendadas. Muitos deles se sentem inseguros por não terem nada para copiar como matéria ou conteúdo para a prova.

Com a pesquisa, esta ação passa a ser dinâmica e dialógica, visto que surge um novo posicionamento, tanto do aluno como do professor, que, juntos, numa relação de parceria, buscam pela construção da aprendizagem. Através da pesquisa,

o aluno se compromete com o pensar, o criar, o produzir, [...] precisa se sentir motivado, rompendo as barreiras do medo, caminhando em busca da auto-realização, da autonomia, da capacidade de expressão, de sua transformação em sujeito da própria prática, da própria história; (FRISON, 2002, p.146),

e o professor, assumindo-se como orientador,

passa a construir junto com o aluno, [...] se coloca como organizador, facilitador, mediador entre o aprendiz e o objeto de conhecimento. Auxilia o aluno a descobrir e redescobrir. Intervém, organiza, facilita, desafia, questiona. Instiga o aluno a desvelar conflitos, a buscar a autonomia necessária a esse processo de construção. (FRISON, 2002, p.146)

Com a pesquisa, o professor passa a ser o conector, aquele que acompanha e propõe a diversificação de textos. Além dos livros paradidáticos, incentiva a leitura de jornais, revistas, enciclopédias, quadrinhos, a audição de música, a assistência a filmes, entre outras tantas atividades. A atuação do aluno consiste em

tomar decisões a todo o momento, fazer escolhas, utilizar argumentos relevantes, ter momentos de reflexão, discutir a qualidade formal do material que está sendo produzido, responsabilizar-se pelo que diz e escreve, colocar-se no lugar do outro para entender seu ponto de vista e saber escutar, defender argumentos consistentes na busca de soluções satisfatórias. Receber o conteúdo, tomar nota e fazer provas são atitudes que não condizem com a proposta da atividade de pesquisa. É preciso que o professor e o aluno procurem dar caminho à criação, embrenhando-se na busca do novo e rumo ao desconhecido e inesperado.

4. REQUISITOS NECESSÁRIOS À REALIZAÇÃO DE UMA PESQUISA

A construção da autonomia é um exercício de persistência na elaboração do próprio conhecimento, que implica vivenciar, descobrir como se faz e fazer, assumindo plenamente o papel de agente. Para tanto, é preciso apreciar desafios, pois o ato de pesquisar é um desafio constante. Dessa forma, o questionamento do aluno surge a partir de sua curiosidade, de seu interesse ou de um fato ocorrido no meio em que vive. Pode também ser propiciado pelo professor, por meio de um ambiente de discussão em que cada aluno argumenta e mostra conhecimentos consolidados ou recém-adquiridos sobre o tema, em pequenos grupos voltados à busca de respostas e à coleta de dados ou informações, em livros e outras fontes. Dessa maneira, o aluno se envolve, exercita seu senso crítico e se assume como responsável por sua aprendizagem, pois

o questionamento é salutar quando reforça no aluno o desejo de aprender, de buscar as respostas, de ir às fontes, visando ao reforço da argumentação. É, neste sentido, que o diálogo deve ser entendido, não como um pingue-pongue de palavras sem sentidos, mas como uma troca de interpretações elaboradas (ALMEIDA, 2002, p. 250).

Os conhecimentos daí advindos, além de lançar luzes sobre o assunto pesquisado, instigam o envolvimento nos processos de leitura e de escrita. Todo esse processo só pode ser alcançado em um cotidiano escolar no qual o questionamento seja a base principal na formação do professor e do aluno, aquilo que os torna capazes de intervir e de se posicionar criticamente em relação ao que lêem. Dessa forma, a pesquisa se revela uma estratégia metodológica particularmente importante para o ensino em geral, uma vez que propicia o conteúdo do texto a ser produzido bem como o estudo das formas mais adequadas de relato oral e escrito, objeto principal das aulas de língua materna.

A utilização da pesquisa em sala de aula, conquanto seja uma alternativa para uma educação verdadeiramente emancipadora, não é um processo tranquilo, pois faz com que o aluno perceba o pouco que sabe, que existem infinitas coisas para serem conhecidas e que há muito que ler. Se não for motivada, a pesquisa pode desestabilizar e baixar a auto-estima de quem a realiza, pois ela precisa ser estruturada a cada dado novo encontrado. A dúvida, conforme Barreiro (2002), é o primeiro passo na busca de novas

respostas, e o questionamento funciona como elo entre o que se tem hoje e o que ainda se busca, o desconhecido. Contudo, tanto aquela como este serão motivadores se, por um lado, “o conteúdo estiver ligado aos interesses da pessoa que tem que ler e, naturalmente, se a tarefa em si corresponder a um objetivo” (SOLÉ, 1998, p.43), e se, por outro lado, as atitudes e as técnicas de apresentação do tema suscitarem o interesse do aluno, através de uma variedade de textos atraentes e incentivadores.

A primeira etapa na realização de uma pesquisa é a busca de material, e o ideal é que a escola seja equipada com, no mínimo, uma biblioteca atualizada e um computador ligado a uma rede. Ao ler ou ir à biblioteca, o aluno se depara com textos dos mais diversos tipos, tais como livros, enciclopédias, revistas, jornais, manuais, guias, cartas, mapas, placas, horários etc., que precisam ser selecionados e lidos. Para construir sua própria metodologia e conseguir o sucesso na pesquisa, produzindo um texto coerente, o aluno deve tomar o cuidado de listar as fontes utilizadas. Uma progressão das etapas existentes e necessárias ao ensino de leitura e desenvolvimento da escrita é importante para que o aluno chegue a um momento mais elaborado das técnicas de pesquisa, em que consiga escolher tópicos específicos, fazer recortes e mostrar-se objetivo em relação ao assunto estudado. A biblioteca e o computador são as maiores fontes de pesquisa a serem exploradas. A primeira, recurso indispensável ao acesso à leitura de novas publicações, precisa estar atualizada. É preciso, por outro lado, que o aluno desenvolva o hábito de ir à biblioteca, ler, emprestar livros, comportar-se adequadamente nesse recinto. Nesse sentido, a biblioteca presta-se a criar dentro da escola um espaço de relação com a escrita, recolocando, segundo Foucambert (1997, p.141), “o aprendizado no exercício de uma cultura, em contato com uma produção viva” e ligando a escola ao mundo exterior.

A segunda etapa é a construção do texto científico, com todas as suas regras. O eixo principal dessa etapa do trabalho é a base teórica, que não deve ser meramente reproduzida, mas discutida. O texto também deve apresentar um equilíbrio entre teoria e prática, o que exige do professor uma nova postura - a de querer aprofundar-se em novos conhecimentos através da leitura, da participação em seminários e encontros, ou da montagem de uma biblioteca própria. Isso possibilitará ao aluno produzir textos dentro de uma postura crítica e questionadora, atitude que é o primeiro passo para a produção de texto com pensamento científico. Ao proporcionar ao aluno a oportunidade de escrever, o professor incentiva a capacidade de buscar, formular, elaborar, produzir, desenvolver a reflexão, enfim, oportuniza-lhe as atitudes essenciais para a formação do sujeito. Esse questionamento depende diretamente da leitura e da reflexão sobre idéias de outros autores.

5. A LEITURA CRÍTICA

A concepção de leitura crítica está diretamente relacionada com a posição que o sujeito assume diante do que está lendo. O leitor lê por vários motivos: para conhecer, informar-se, imaginar, seguir instruções, resolver problemas, revisar, mas também para obter uma posição crítica diante das idéias contidas dos textos. Essa

atitude crítica não ocorre de forma natural, mas deve ser aprendida na escola. Segundo Jolibert (1994, p.14), ensinar a ler não é pré-dirigir, mas ajudar o aluno em seus próprios processos de aprendizagem, mostrar-lhe que é importante questionar o que está escrito, ajudá-lo na busca de sentidos e hipóteses, a partir dos indícios deixados no texto. Nessa direção, é importante que o professor proponha, para discussão e debate, textos que coloquem o aluno em relação com o mundo real, textos capazes de suscitar seu interesse, por estarem próximos de sua realidade, de sua vivência cultural e lingüística, facilitando, dessa forma, sua inclusão no processo da leitura. O hábito de ler decorre do acesso a textos interessantes e cada vez mais desafiadores, com relação ao conteúdo e ao vocabulário. Dessa forma, o aluno atribui importância à leitura porque tem como objetivo assimilar o conteúdo visto e, principalmente, buscar novas informações que vão prepará-lo intelectualmente para um posicionamento crítico diante do texto lido.

Segundo Faraco (2001, p.42), o leitor toma uma posição diante do texto, uma vez que “a compreensão não é mera experiência psicológica da ação dos outros, mas uma atividade dialógica que diante de um texto, gera outro (s) texto (s)”. Ler não é um ato passivo, mas impregnado de valores e interação cultural; é uma réplica ao já dito; em outras palavras, é um diálogo entre autor e leitor, podendo acarretar, como toda relação dialógica, tanto a convergência, o acordo ou adesão das idéias quanto divergências, questionamento ou recusa do que foi escrito. Entretanto, freqüentemente, na escola, além de ser interpretado pela voz adulta e marcado pela superficialidade escolar, o texto é lido e compreendido num único sentido, linearmente, a partir de perguntas previamente formuladas e com predominância de reconstituição da informação. Tal procedimento acarreta, para o leitor, dificuldade em romper com a seqüência de idéias do texto, pois “uma vez respondida uma questão referente a uma parte do texto não se volta mais a ela, não se estabelecendo relações com outras partes, deixando de lado, assim, seu funcionamento efetivo” (NERY, 2003, p.91). O maior problema da realização da leitura linear é afastar o leitor da percepção do texto como um todo, visto que o ato de ler implica o processo de construção de sentido, do reconhecimento das formas lingüísticas do texto, e, sobretudo, da compreensão de seu funcionamento lingüístico-discursivo (NERY, 2003, p. 146).

A linearidade não é uma característica da escrita, pois ela começa na percepção dos componentes relacionados ao todo do texto: o tema, o autor e seus argumentos, o destinatário e o veículo em que ele aparece. Essa leitura exige um conhecimento de linguagem e de gêneros do discurso, pois consiste em fazer os alunos entrarem em contato com sua realidade a partir de um trabalho que relacione vários tipos ou gêneros de texto, bem como uma competência de análise semântica discursiva e das diversas vozes existentes no texto, que constituem as diferentes formas de retratar a realidade através da linguagem. É essa a base para a “leiturização”, uma concepção pedagógica, instaurada por Foucambert (1989), que visa criar as condições de uma prática da leitura não mais centrada na formação do alfabetizado, mas do leitor. Para desenvolver e ampliar o desempenho em leitura, faz-se necessário modificar a metodologia empregada em sua aborda-

gem e revitalizar as bibliotecas escolares, com a participação de professores de todas as disciplinas, visando a um único objetivo: a emancipação do aluno através da capacidade de leitura. Isso porque, embora seja alfabetizado, o aluno, muitas vezes, não chega a ser "leiturizado", comportando-se como um simples decifrador do código lingüístico, um leitor de palavras e frases. Difícilmente tal aluno chegará a ser um leitor crítico, mas se tornará alguém que não ultrapassa a barreira do reconhecimento, estacionando na compreensão parcial.

Ativo e questionador em relação ao que lê, o leitor "processa e atribui significado àquilo que está escrito" (SOLÉ, 1998, p. 40), formulando hipóteses, a partir de seus conhecimentos prévios, e verificando-as no próprio texto, a fim de compreendê-lo. A leitura concretiza um conhecimento já existente no indivíduo e abre espaços para outros conhecimentos, despertando para a busca de outras verdades. Ler e escrever são atividades que se completam no processo da aquisição do conhecimento, de criação e de descoberta, de produção e construção do mundo. Ser leitor é poder estabelecer relações entre o que se está lendo e o que já se leu, é poder confrontar as idéias formuladas a partir do texto lido com as de outro leitor, é poder estabelecer novos parâmetros entre o que se leu e novas e futuras leituras; é também poder perceber os variados tipos de linguagem que há entre os mais diferentes textos. Ler é compreender as palavras nas entrelinhas, de maneira a produzir uma mudança no leitor. A leitura interativa não se centra no texto nem no leitor, mas numa interação entre eles, em que "o leitor utiliza simultaneamente seu conhecimento do mundo e seu conhecimento de texto para construir uma interpretação sobre aquele" (SOLÉ, 1998, p. 24).

Após ler a si próprio e fundir as idéias do outro às suas, o aluno se expressa através das palavras, ao produzir seu próprio texto. Para tornar-se um bom leitor, é preciso saber contextualizar. Ler é contextualizar, é manter um diálogo entre as leituras anteriores, a atual e as futuras. É desvendar os possíveis sentidos do texto, pois, segundo Guedes e Souza (1999, p. 142), "ler para chegar a uma resposta que já está pronta é o contrário de ler, é o contrário de produzir sentido". Ler é conservar e combinar as informações encontradas sucessivamente, quebrando a linearidade do texto, uma vez que, para Chartier; Clesse e Hébrard (1996, p. 139), compreender é "manter junto o que estava separado", é memorizar para compreender. É prestar atenção em como o texto é tratado numa primeira descoberta e em como ele pode ser utilizado posteriormente, em que contexto e com que objetivos. Ao ler, o leitor memoriza o que lhe é pertinente e se prepara para uma leitura futura, quando poderá ativar esses conhecimentos anteriores e formular hipóteses sobre o seu conteúdo. A compreensão é uma forma de diálogo, pois, segundo Bakhtin (2002, p. 132), "a significação não está na palavra nem na alma do falante, nem na alma do interlocutor, mas é o efeito da interação do leitor e do receptor".

O ensino de leitura pressupõe uma progressão, que se reflete na aquisição de técnicas de pesquisa. As habilidades para localização, reunião e combinações das várias fontes encontradas requerem um raciocínio maduro do aluno, desenvolvido ao longo do ensino fundamental. Formular hipóteses, delimitar tópicos e definir

as informações relevantes para um trabalho implica um amadurecimento de pesquisa alcançado processualmente, em especial quando se refere a uma pesquisa científica. Através da leitura e da escrita, o aluno põe um olhar no mundo e, utilizando-se do senso crítico desenvolvido ao longo da vida, completa o discurso do outro, tece e constrói conhecimentos sobre as práticas sociais do cotidiano. Nesse processo, o aluno acaba por construir-se a si próprio como ser pensante, ligado ao mundo social pela sua expressão. Incentivar a leitura, segundo Possenti (2000, p. 89), é "aumentar o repertório do aluno, suas possibilidades de contato com mundos lingüísticos que ele ainda não conhece através dos livros". A leitura dará suporte à escrita, através de um questionamento das várias idéias advindas das fontes pesquisadas que formularão o argumento de base do texto escrito.

6. A ESCRITA AUTÔNOMA

Enquanto a leitura é um ato de interação, a escrita apresenta-se como um ato solitário, marcado pela subjetividade, que, segundo Teberosky (1997, p. 63), é reflexo de "um conhecimento técnico, ligado à prática dirigida pelo ensino formal e que implica operações diferentes do mero reconhecimento ou reprodução memorizada de um texto". A coordenação entre o ato de ler e o de escrever não ocorre automaticamente, pois eles não são atividades simplesmente contrárias, mas procedimentos com habilidades e condições diferenciadas de aprendizagem, que se complementam, de modo que, ao ler, o leitor recebe informações variadas, e, ao escrever, recupera os conhecimentos adquiridos. Segundo Ednir e Cardoso (1998, p. 93), quanto maior for a gama de informações disponíveis, mais oportunidades terá o aluno de selecionar o que lhe for útil e expressá-lo no momento da produção de texto. Ainda que saber ler não equivalha a saber escrever, do mesmo modo que, ao ler, o leitor constrói vários e possíveis sentidos do texto, desvendando-os através das pistas deixadas pelo autor, correlacionadas a outras leituras experimentadas e experiências vividas, para escrever, o aluno deve pensar, primeiramente, na razão por que está escrevendo. Dessa maneira, escrever é dialogar com o leitor, de forma a produzir conhecimento tanto para um quanto para o outro. Enfim, escrever é gerar efeitos deliberados de sentido sobre os possíveis leitores de um texto; isto porque os enunciados surgem como resposta à necessidade da busca pela verdade do outro.

No ensino fundamental, período em que o aluno aprende a escrever, mas ainda não desenvolveu a escrita adequadamente e não está habituado a pesquisar, é frequente a prática da mera cópia ou da colagem de várias fontes, sem a preocupação com o aprimoramento das técnicas e estilos de escrita. Esse processo ocorre, segundo Demo (2002), devido ao fato de o aluno passar por três níveis de produção escrita, o primeiro dos quais é o da interpretação reprodutiva, com trabalhos em que ele reproduz ou sintetiza os autores pesquisados. Este tipo de trabalho parafraseado, embora pareça limitado, representa o estado inicial no qual o aluno é desafiado a compreender o texto e sintetizar as idéias principais do autor. Aos poucos o aluno começa a se posicionar perante os diferentes textos lidos e a questionar as idéias dos autores, e passa para o

segundo nível, o da interpretação pessoal. O aluno já consegue então inserir suas próprias idéias, colocando seu ponto de vista e o resultado da reflexão sobre o que leu. Embora faça sempre uma conexão com as idéias do autor, parte dessas idéias para poder desenvolver as idéias do autor, acrescentando-lhe novos sentidos e reafirmando o que leu, com suas próprias palavras. Já no terceiro nível, que é o da reconstrução, o aluno inicia-se como pesquisador, uma vez que assume a autoria do texto, posiciona-se como autor e consegue inserir novos argumentos, tornando sua produção original e autônoma. Atingir este nível é o objetivo da escola, enquanto instituição formadora e educadora, ainda que pareça estar distante ou fora do alcance do ensino fundamental ou médio. É mais provável que aconteça durante a graduação, com a iniciação científica, e a pós-graduação.

Por meio da produção escrita, o aluno tem a oportunidade de se construir como sujeito, pois escrever é um exercício desafiador, em que o aluno constantemente reescreve, construindo uma argumentação suficientemente competente para sustentar seus pensamentos e convicções, não raro permeados de contradições e repetições. Um diálogo constante entre o professor e o aluno certamente beneficiará esta produção, pois, ao discutir os pontos que necessitam ser aprimorados e refeitos, o professor possibilita ao aluno desenvolver suas competências argumentativas e rever o que tentou anteriormente esboçar no papel. A pesquisa é uma atividade desafiadora, pois várias respostas se abrem para um questionamento sobre um problema verdadeiro.

7. O DOMÍNIO DO TEXTO CIENTÍFICO

A produção de um texto científico, como a de todos os outros tipos de textos que compõem o mundo da escrita, pressupõe o conhecimento de regras gramaticais e sociais, e, embora não seja neutro, o texto científico expurga ao máximo as marcas da subjetividade do aluno, que visa constituir-se em autor autônomo de um texto. Para auxiliá-lo nessa tarefa, o professor necessita lançar mão das diversas formas de ensinar a escrever, e não presumir que o mero contato com o texto escrito tornará o aluno habilitado a escrever. O autor que se pretende formar é aquele que, com base na presença de um interlocutor real e com uma razão para escrever, escreve com argumento próprio e crítico, apresentando-se como responsável por seu texto, e não como um simples copista.

Segundo Suassuna (2002), o ponto crucial da dificuldade na produção do texto escolar é o aluno não saber para quem está escrevendo. A ausência de argumentação decorre dessa ausência de interlocutor, pois, para que o aluno se constitua como sujeito de sua linguagem, ele precisa construir uma imagem de quem vai ler seu texto, e geralmente o aluno mostra o resultado de sua aprendizagem, de sua pesquisa e de seu conhecimento para a mesma pessoa que o ensinou a fazê-lo, seu professor. O resultado é que o texto é marcado pela artificialidade, já que o aluno estará preocupado, segundo a autora, com o *como dizer* e não com o *para que dizer*. É preocupante o fato de o aluno realizar trabalhos de produção ou de reprodução de textos cujo único destinatário é o professor, pois resulta, segundo Guedes e Souza (1999, p. 146), "num

texto que o autor (o aluno) não quer escrever e que o leitor (o professor) não quer ler". Outro problema é o de ensinar fórmulas fixas, a utilização de esquemas. Há uma grande diferença entre um tema ou um roteiro dado pelo professor e a proposta de uma situação-problema, em que o aluno tem um objetivo e uma finalidade para fazer o seu trabalho de pesquisa e está ciente da relevância do assunto em que está envolvido, empenhando-se no desenvolvimento do projeto.

A autonomia propiciada pela pesquisa implica, além da capacidade de questionar, de argumentar e relatar, tomar iniciativa frente a sua aprendizagem. A produção de textos, usada como um dos recursos para a realização de uma pesquisa, pode ser vista como um exercício intelectual da reescrita, como forma de revisar o assunto de que se quer falar e sobre o qual se deseja saber mais. É preciso que o professor se disponha efetivamente a saber o que seu aluno tem a dizer sobre o assunto que ele mesmo requisitou. A orientação do professor na reescrita do textos é importante, visto que é um processo que visa:

levar o autor do texto a repensar a pertinência dos dados com que está lidando, a coerência da tese que apresenta, a adequação entre dados e tese, a perceber lacunas nas informações de que dispõe e a perguntar-se para que vai servir o que está escrevendo. (GUEDES; SOUZA, 1999, p. 147)

Como toda atividade humana, o texto necessita satisfazer alguns requisitos para chegar a um fim. O aluno, com uma proposta clara e objetiva do que se propõe a fazer e auxiliado pelo professor, precisa colocar-se em um contexto determinado, sabendo para onde encaminhar seu texto e quem o lerá, visto que

ler e escrever (...) não são exercícios. (...) Para se ter uma idéia do que significaria escrever como trabalho, ou significativamente, ou como se escreve de fato "na vida", basta que verifiquemos como escrevem os que escrevem: escritores, jornalistas. Eles não fazem redações. Eles pesquisam, vão à rua, ouvem os outros, lêem arquivos, lêem outros livros. Só depois escrevem, e lêem e relêem, e depois reescrevem, e mostram para colegas ou chefes, ouvem suas opiniões, e depois reescrevem de novo. A escola pode muito bem agir dessa forma... desde que não pense só em listas de conteúdos e em avaliação "objetiva" (POSSENTI, 1996, p. 49).

É importante lembrar que o objetivo final é explicitar o que se está escrevendo, o que não se sabe sobre o assunto e por que é interessante saber sobre ele. Várias orientações podem ser dadas ao aluno na produção de um texto, Booth; Colomb e Williams (2000, p. 54) sugerem uma seqüência de passos a partir de um tópico, como, por exemplo:

- 1) Incluir, no espaço em branco, substantivos que podem ser convertidos em um verbo ou adjetivo: *Estou aprendendo sobre / trabalhando em / estudando*_____.
- Ex.: Estou estudando a percepção da influência da pesquisa em

sala de aula na construção do conhecimento.

2) Acrescentar à frase uma pergunta indireta, algo que queira saber ou entender, preenchendo o espaço em branco com um sujeito e um verbo: *porque quero descobrir quem / como / por que*_____.

Ex.: Estou estudando a percepção de influência da pesquisa em sala de aula na construção do conhecimento, porque quero descobrir como professores e alunos idealizam a realização dessa atividade.

3) Acrescentar à frase uma segunda pergunta indireta, explicando o porquê da pergunta e o que se pretende com a resposta: *a fim de entender como / por que / o que / se*_____.

Ex.: Estou estudando a percepção da influência da pesquisa em sala de aula na construção do conhecimento, porque quero descobrir como professores e alunos idealizam a realização dessa atividade, a fim de entender os benefícios que eles julgam adquirir através do ato de pesquisar na formação social de ambos, através da leitura crítica e da produção escrita autônoma.

Ao escrever, ao expor sua opinião, o aluno se baseia em outros autores, fazendo uso da citação direta, outro procedimento importante na escrita do texto científico. O pensamento do aluno é complementado pelo pensamento do autor, e, ao introduzir a citação, aquele que cita busca dar credibilidade ao texto e colocar os leitores em contato com o novo discurso, marcado pela originalidade e consciência verdadeira. A citação integra-se ao texto do aluno, fazendo parte do contexto. Contudo, os dois contextos “unem-se por relações dinâmicas, complexas e tensas” (BAKHTIN, 2002, p.148), refletindo a dinâmica da relação social entre os homens, através da comunicação na sociedade em que vivem, uma vez que “o objetivo verdadeiro da pesquisa deve ser justamente a interação dinâmica dessas duas dimensões, o discurso a transmitir e aquele que serve para transmiti-lo” (BAKHTIN, 2002, p.148). Segundo Bakhtin (2002), nosso discurso está impregnado de palavras dos outros, as quais podem ser “misturadas” às nossas palavras ou cuidadosamente delimitadas, ficando à margem do discurso.

Ao ler, o aluno responde interiormente ao discurso do outro, constituído não apenas pelo interlocutor, mas também pelas vozes que constituem seu próprio discurso; ao escrever, ele expressa valores, pois é “no quadro do discurso interior que se efetua a apreensão da enunciação de outrem, sua compreensão e sua apreciação, isto é, a orientação ativa do falante” (BAKHTIN, 2002, p. 147). Entre a leitura e a escrita encontram-se a formação, a crítica, a análise do que se recebeu e do que vai ser concretizado em palavras, que refletem e refratam o mundo e sintetizam a diversidade de experiências que o indivíduo adquire. Como lembra Amorim (2003, p. 13),

o pluralismo do pensamento bakhtiniano, traduzido nos conceitos de dialogismo e de polifonia, é lugar de conflito e tensão, e os lugares sociais de onde se produzem discursos e sentimentos não são necessariamente simétricos.

O discurso de outrem se mescla ao do autor e tem suas fronteiras

atenuadas pela utilização do léxico que traduz a mesma ideologia. Embora cada discurso conserve certas características de seu autor, sua composição se dá na relação dialógica entre os enunciados que se organizam em torno da relação do autor com o outro.

8. A SOCIALIZAÇÃO DA PESQUISA

A meta final da pesquisa a ser alcançada é comunicar a descoberta feita, isto é, apresentar o resultado à comunidade na qual se está inserido, defendendo seus argumentos e pontos de vista, expressos de maneiras diferentes, com clareza e rigor, e exercitando seu papel de sujeito histórico. Todo pesquisador deseja poder mostrar para a comunidade sua descoberta e a nova verdade que alcançou, submetendo-a a sua análise, crítica e avaliação. No contexto do ensino fundamental, cabe ao professor proporcionar ao aluno um momento no qual ele possa explicar suas descobertas aos colegas, ou possibilitar-lhe a exposição de cartazes e pôsteres, a participação em feiras do conhecimento, a elaboração de um jornal escolar ou, ainda, a participação em eventos interescolares. A finalidade maior da comunicação é proporcionar ao aluno um momento em que ele possa expor claramente seu ponto de vista e desenvolver sua capacidade argumentativa, transformando a realidade já existente. Com a socialização dos resultados, o conhecimento é elaborado através do discurso coletivo. Este não está pronto nem pertence àquele que o descobriu, mas é transformado e reelaborado de acordo com que o outro entendeu e exteriorizou. A comunicação proporciona ao “descobridor” a possibilidade de intervenção da realidade e, ao mesmo tempo, aos interlocutores, a transformação e a construção de sua forma de pensar e compreender a sua realidade. A produção de um conhecimento constitui-se um desafio importante para a vivência, pois resulta de reflexões e discussões e possibilita o desenvolvimento da capacidade de argumentar, participando individual e coletivamente na produção de um texto.

O currículo atualmente praticado nas escolas não é suficientemente adequado a essa metodologia, e algumas precauções devem ser observadas quanto a sua utilização, pois pouco adianta buscar dados, coletar informações ou ler, se não houver um questionamento sobre o assunto e a reformulação desse novo conhecimento, em que cada um tem o seu papel definido. A finalidade da pesquisa não é saber o que o aluno aprendeu do conteúdo estudado, mas, basicamente, como está o processo de desenvolvimento da leitura crítica, da reflexão e de sua postura como autor. É fundamental para o desenvolvimento da pesquisa que o professor realmente se comprometa com o processo e se posicione como um orientador presente e exigente. Para o aluno, o apoio adequado é essencial, no sentido de ajudá-lo a aprender a pesquisar e de possibilitar-lhe o uso dos vários recursos imprescindíveis para a pesquisa.

Na realização da pesquisa, através da leitura e da escrita, o aluno põe um olhar no mundo, e, utilizando-se do senso crítico desenvolvido durante a vida escolar, completa o discurso do outro, tece e constrói conhecimentos sobre as práticas sociais do cotidiano. Nesse processo, o aluno acaba por construir-se a si próprio

como ser pensante, ligado ao mundo social pela sua expressão. Isso porque “é pela linguagem, na linguagem e com a linguagem que feixes de sentidos se constroem, dialogam, e disputam espaço, instaurando-se como signos ideológicos” (GOULART, 2003, p. 105). A pesquisa é iniciada pelo questionamento e participação ativa do aluno em relação ao que lê. Essa posição dialógica do aluno diante do texto lhe dá oportunidade de adquirir idéias advindas dos textos lidos e das fontes pesquisadas; possibilita-lhe concordar com os textos ou discordar deles, criticá-los, discuti-los e avaliá-los, alcançando, dessa forma, sua formação como leitor crítico e autor autônomo. A descoberta proporciona ao aluno e ao professor a construção de conhecimentos, ou seja, possibilita-lhes novas formas de organizar e entender o mundo.

9. ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS

As escolas que forneceram os registros de dados que são objeto deste estudo estão situadas na cidade de Maringá, localizada no Noroeste do Paraná. Na seleção, foram privilegiadas escolas de grande porte, públicas e privadas, e situadas em localizações diferenciadas. Dessa forma, a opção foi feita por quatro escolas: uma pública e uma privada, situadas na região central da cidade, e duas outras, também divididas em pública e privada, situadas em locais mais afastados do centro e integradas a dois *campi* universitários. Evidentemente, essa seleção revela a hipótese de que as variáveis público *versus* privado, central *versus* periférico e ligada ou não a uma Instituição de ensino superior são relevantes para a análise. Respondido por dezessete professores de Português, o primeiro questionário compõe-se de questões que exigem respostas escritas sobre a utilização da biblioteca escolar, os hábitos de leitura, e, principalmente, a representação do que é o ato de pesquisar, sua utilidade, a frequência, os conteúdos tratados, a organização, os resultados, a avaliação e a socialização dos resultados.

O professor, durante sua formação universitária, em uma pós-graduação ou na atuação profissional, mostra-se interessado no processo de pesquisar. Como demonstração de sua conscientização sobre seu papel como pesquisador, ele procura manifestar seu interesse e valorização nessa atividade para si mesmo e tenta buscar formas de orientá-la em sala de aula. As respostas dos professores revelaram certo discernimento deles sobre a importância atribuída à pesquisa na formação socioeducacional, possibilitando o desenvolvimento do senso crítico do aluno. O envolvimento em projetos de pesquisa implica leitura de diferentes fontes, que certamente serão utilizadas na preparação das atividades de sala de aula. Conforme os dados, o professor e a escola pretendem promover a conscientização e a valorização da leitura, pois eles responderam que procuram incluir no currículo, além do conteúdo programado, atividades de leitura livre e leitura de obras literárias e paradidáticas.

Para facilitar esse processo, é imprescindível, no ambiente escolar, a existência de uma biblioteca atualizada, com vários tipos de impressos, com possibilidade de livre acesso de professores e alunos, proporcionando uma troca contínua de idéias e informações e auxiliando na formação de conhecimentos gerais. Entretan-

to, a situação apresentada é problemática, uma vez que grande parte dos professores questionados não acompanha seus alunos em atividades na biblioteca, mas apenas indica as referências e fontes para que os alunos busquem as informações para a realização da pesquisa. A biblioteca, raramente freqüentada por professores e alunos, é utilizada mais como sala de leitura para estudo de obras indicadas do que para leituras complementares ou para a realização de trabalhos de pesquisa. Este fato ocorre, segundo as respostas dos professores, devido às condições precárias referentes ao espaço físico e ao atendimento da biblioteca e, principalmente, devido à pouca diversificação de materiais de leitura dirigidos à faixa etária dos alunos. Apesar das condições desfavoráveis existentes nas bibliotecas escolares, os professores consideram o aluno como um leitor que lê com certa freqüência e regularidade. Os professores, de acordo com a representação que fazem sobre a importância do ato de ler, empregam estratégias pedagógicas, procurando motivar o envolvimento do aluno, ao propor assuntos atuais para discussão e comentários sobre a obra a ser lida e dar sugestões na escolha de livros de uma lista pré-selecionada.

Através das respostas, os professores afirmaram que utilizam a pesquisa para iniciar ou finalizar a matéria estudada nas unidades do livro didático, para complementar as informações ou fixar conteúdos. Com o auxílio de um roteiro de apoio, discussões e sugestões de fontes, os professores julgam iniciar o aluno no desenvolvimento do pensamento científico, ao estabelecer a importância do conteúdo, indicar uma bibliografia diversificada, requisitar a forma de apresentação do texto científico e relacionar as atividades com o dia-a-dia, o que provocaria a interação do aluno com o meio em que vive. Essa interação somente é possível durante a socialização dos resultados da pesquisa, quando o trabalho é apresentado, sob a forma de seminário ou exposição, com cartazes afixados em murais, para que todos os alunos, de alguma forma, aproveitem coletivamente da descoberta que o outro fez, possibilitando um debate desses resultados. Embora pouco utilizado, o recurso da refacção na produção escrita é uma prática que merece ser enfatizada pelas escolas, pois é através dela que o aluno tem a oportunidade de refletir sobre o que escreveu e, com o auxílio das observações do professor, reestruturar as partes problemáticas de seu texto.

Avaliar um aluno que fez uma pesquisa é uma tarefa complexa e envolve vários aspectos a serem observados. Um deles, apontado pelos professores, é verificar se o aluno pesquisou de acordo com o tema proposto, desenvolvendo as idéias principais e citando as fontes pesquisadas. Eles também exploram sua capacidade de interpretação e reflexão crítica sobre o tema, as conclusões e a produção escrita autônoma. Outro aspecto observado por eles advém do envolvimento, do empenho e do interesse do aluno em participar da realização da pesquisa. Não se esquecendo de valorizar a parte formal para a apresentação de uma pesquisa, os professores buscam observar a seqüência das idéias, a ordem estabelecida, a organização formal do trabalho como um todo e a produção escrita clara. Pouco menos observado pelos professores, mas também importante para favorecer a vida social do aluno, é considerar a interação entre os alunos, demonstrada pelo espírito

de equipe e a participação nas apresentações orais dos resultados da pesquisa para os demais colegas da sala de aula.

Após a análise das respostas dadas aos questionários pelos professores, a qual constata as representações que eles têm sobre a relevância do ato de pesquisar, resta depreender a visão do aluno em relação a essa atividade proposta pelo professor. Os alunos deveriam se propor pesquisar verdadeiramente, deixando para trás as cópias feitas uns dos outros ou das fontes, sem dar o devido crédito, uma vez que pesquisar resulta na ampliação dos conhecimentos e na descoberta do novo, provocando sua autonomia, adquirida através do seu empenho na seleção do material de leitura, na realização das leituras, nos comentários e nas trocas de resultados. O segundo questionário busca identificar a ótica do sujeito que concretiza a ação de pesquisar, tendo sido aplicado a alunos de 5ª a 8ª séries, com a colaboração de diretores e coordenadores das escolas. Diferentemente do outro, este questionário foi elaborado com base em alternativas de múltipla escolha, para facilitar o retorno, não havendo necessidade de o aluno escrever, mas apenas ordenar as etapas referentes a como a pesquisa é realizada em sala de aula. Este método mostrou-se adequado para que não houvesse dispersão de idéias, mal-entendidos e respostas em branco. Uma única questão, a segunda, exigia respostas escritas, referentes ao detalhamento das preferências de leitura do aluno. As demais questões referiram-se: às atividades de leitura e de escrita realizadas pelos alunos dentro e fora escola; ao tipo de material utilizado na pesquisa; ao encaminhamento dado pelo professor no desenvolvimento da pesquisa; às etapas seguidas pelo aluno no processo de seleção, leitura e escrita do trabalho; ao aproveitamento e à avaliação do ato de pesquisar.

A percepção do aluno de como é desenvolvida a pesquisa em sala de aula revela seu posicionamento em relação à metodologia utilizada pelos professores. Conforme as respostas dos alunos, de modo geral, os procedimentos que eles percebem ser utilizados pelos professores na condução de uma pesquisa apresentam-se semelhantes em todas as escolas, havendo diferenças insignificantes entre uma e outra. A maneira mais freqüente (indicada por 85,4% dos alunos) de o professor dar início a uma pesquisa é estipular o tema e, antes de ela ser realizada em casa, de acordo com 68,6% dos alunos, tecer comentários sobre o assunto em sala. Isso significa que, independentemente das características da escola, a representação que alunos e professores têm da pesquisa é a mesma. Essa explicação da forma como acontece a pesquisa em sala de aula não está de acordo com o que foi exposto pela maioria dos professores, que afirmaram orientar e acompanhar as etapas da pesquisa em sala com trabalhos em grupos, indicando roteiros, planejando e organizando os itens para efetivação da produção escrita.

O segundo comportamento mais freqüente dos professores frente à pesquisa, indicado por 35% dos alunos, é a proposta de discussão com a turma em sala de aula, que surge a partir de textos trazidos pelos alunos, para posteriormente definir o tema que deverá ser aprofundado em casa, individual ou coletivamente. Essa informação concorda com a forma como os professores declararam conduzir o processo da pesquisa. Uma estratégia menos fre-

qüente, observada por 17,5 % dos alunos, é o professor, antes de definir o tema, trabalhar com textos variados de livros, jornais e revistas, possibilitando uma discussão do assunto proposto, antes de a turma tomar uma posição sobre o tema a ser pesquisado. Muitas vezes, o professor segue os passos estipulados no livro didático, que já costuma apresentar textos variados sobre o tema a ser discutido, para instigar o senso crítico ou a curiosidade do aluno e incentivá-lo a buscar novas informações. Completando esses procedimentos, 10,2% dos alunos se referiram à utilização da biblioteca para pesquisa individual ou orientada pelo professor, como também para escolher o assunto da pesquisa, confirmando as atitudes tomadas pelos professores, que mencionaram a ida à biblioteca para a realização de pesquisas, a utilização do livro didático que apresenta vários exercícios de pesquisa, a divisão de tarefas entre os participantes dos grupos e a leitura de textos variados para motivação do assunto. A metodologia adotada pelo professor parece ser completada pela atitude do aluno em desempenhar a parte designada a ele, que é a concretização da pesquisa.

Conforme os alunos, a primeira etapa de uma pesquisa é a seleção de fontes diversas, o que depende da maturidade, da disciplina e da organização de cada aluno. Ao indicar algumas fontes primárias para iniciar a pesquisa, o professor revelou esperar que os alunos busquem por outras, selecionando as mais importantes, curiosas e pertinentes ao assunto pesquisado. Essa expectativa se confirmou nos registros dos alunos, 45,2% dos quais responderam que procuram pelo material indicado pelo professor, ampliando para 64,2% o percentual dos que também buscam outras informações em livros, revistas, enciclopédias e internet. A maneira como os alunos vêem a realização da pesquisa parece ser produtiva, uma vez que eles têm a possibilidade de complementar a leitura das fontes indicadas pelo professor, ao ter contato com vários tipos de impressos, ou mesmo ao pesquisar no computador. 15,3% dos alunos declararam que, além de utilizar esses recursos, eles também conversam com pessoas que entendem do assunto da pesquisa, estratégia útil para a formação do aluno como pesquisador, pois o aproxima de pessoas conhecedoras do tema, que podem fornecer dados importantes para seu trabalho, devido a sua experiência nos assuntos estudados.

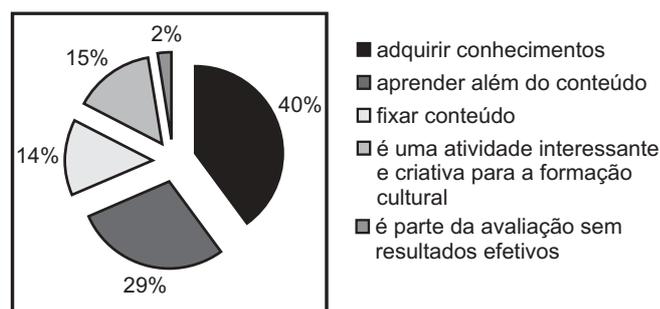
A segunda etapa da pesquisa, segundo os alunos, é a leitura do material selecionado. A partir da variedade de leituras, o aluno elabora o tema da pesquisa e descobre pontos que não conhecia, aprofunda sua opinião e se posiciona em relação ao assunto. Assim, 51% dos alunos garantiram que selecionam o material de leitura de acordo com a indicação do professor, e que, ao ler esse material, destacam uma explicação interessante ou curiosa para valorizar o trabalho escrito. Entretanto, somente 31,3% dos alunos consideraram que lêem tudo o que foi encontrado sobre o assunto na seleção do material.

A etapa final do trabalho de pesquisa é a produção escrita, momento em que o aluno elabora o texto que comunicará aos outros sua descoberta de fatos novos e argumenta. Por isso, espera-se como resultado da pesquisa uma produção escrita autônoma, ou seja, aquela elaborada pelo aluno, com suas próprias palavras, o que 35,7% dos alunos acreditam fazer.

Para finalizar e valorizar o trabalho já concretizado, o aluno precisa de um retorno quanto à validade de sua descoberta, uma aprovação de seu texto por parte do leitor, que, em muitos casos, é basicamente o professor. Poucas vezes essa troca de conhecimentos acontece também com os colegas de classe, sendo que 9,4% do total de alunos confirmaram que o resultado da pesquisa é apresentado oralmente para toda a turma. Nessas oportunidades, sobretudo entre alunos de escolas particulares (26,3%), costuma haver uma comparação entre trabalhos e uma discussão dos resultados com os colegas em sala de aula. Esse fato é confirmado pelos depoimentos dos professores que afirmaram realizar uma apresentação oral do trabalho dos alunos à turma. Entretanto, a grande maioria dos alunos, contrariando a informação repassada pelos professores, revelou que o trabalho final é simplesmente escrito e entregue ao professor, que o lê e o devolve ao aluno, dando a entender que a finalidade é apenas a realização de uma avaliação.

14% dos alunos afirmaram que a pesquisa simplesmente fixa os conteúdos vistos em sala de aula, e outros 2% consideram-na apenas uma parte da avaliação escolar, declarando que realizar uma pesquisa é uma perda de tempo com cópias e assuntos repetidos, sem resultados ou benefícios para seus estudos. Não obstante, as respostas, de modo geral, evidenciaram que no ensino fundamental os alunos apresentam representações favoráveis à realização de pesquisas. Dessa forma, do total de alunos, 40% compreenderam o ato de pesquisar como uma maneira de adquirir novos conhecimentos e 29% afirmaram reconhecer que aprenderam algo diferente ao realizarem uma pesquisa. Tais alunos consideram a realização de uma pesquisa uma atividade interessante e criativa, que facilita a aquisição de conhecimentos. Mais da metade dos alunos e professores reconheceu que, além de fixar o conteúdo, a pesquisa proporciona a aprendizagem de algo diferenciado e encaminha-os para a formação cultural (cf. figura 1).

Figura 1: O significado do ato de pesquisar para os alunos.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste trabalho compreendeu uma parte inicial de reflexão sobre a importância, os objetivos e os requisitos necessários à realização de uma pesquisa escolar. Calcada na Linguística Aplicada, a pesquisa adentrou também as áreas de educação e da metodologia científica, em busca de subsídios que a sustentassem. Tal embasamento permite afirmar que a pesquisa, efetivamente, instaura no aluno o processo de construção de conhecimentos e a autonomia de idéias, possibilitando-lhe assumir

uma posição, defendê-la e identificar seus pontos frágeis. Ao pesquisar, o aluno aperfeiçoa a habilidade de refazer o já feito e, por meio do questionamento e da reflexão, reformula ou amplia conceitos já estudados e constrói o novo. Isso só é possível por meio de um profundo envolvimento do professor e do aluno no processo da pesquisa. Este, após a leitura crítica e a reflexão, poderá produzir textos com qualidade científica, alcançando o objetivo maior da pesquisa, que é organizar pensamentos e informações. Para tanto, é necessário que o professor, através de uma orientação firme e constante, estabeleça claramente os objetivos e a finalidade da realização da prática dessa atividade. Fazer pós-graduação, estudar, ler, escrever, comunicar suas experiências constituem passos importantes para que os professores experimentem a realização de uma pesquisa e, assim, sintam-se preparados para planejar e realizar projetos de pesquisa em sala de aula, orientando seus alunos e inculcando neles o prazer pela busca e descoberta do novo.

O processo de pesquisa tem início com a busca de temas que suscitem a curiosidade e o interesse do aluno, os quais podem derivar de uma discussão em sala ou de fatos trazidos à baila pelo professor ou pelo aluno. Na busca por respostas, o aluno lê, elabora hipóteses, produz sentidos e toma uma posição, favorável ou contrária, em relação ao que leu. No desenvolvimento desse processo, há a possibilidade de se tornar um leitor crítico, ao argumentar e colocar-se como autor. Para comunicar os resultados de sua pesquisa, o aluno produz um texto, com a linguagem mais objetiva possível, destacando suas idéias das dos outros autores. Alcançar essa produção escrita, porém, exige um exercício contínuo de reescrita, que, se bem orientado pelo professor, induz o aluno a repensar sobre o que e para que está escrevendo. A exposição dos resultados marca o auge da concretização de uma pesquisa e possibilita ao aluno, após a descoberta, transformar sua forma de pensar, organizar, argumentar e compreender o mundo que o cerca.

Em um segundo momento, o trabalho buscou verificar quais as representações de professores e alunos das últimas séries do ensino fundamental a respeito da pesquisa realizada na escola. A hipótese de que tais representações diferiam conforme o regime jurídico ou a localização das instituições revelou-se falsa, uma vez que as diferenças entre os referenciais docentes e discentes apresentaram-se insignificantes, fossem eles procedentes de escolas públicas ou privadas, centrais ou de periferia. Também não se mostrou relevante o fato de a escola ser ligada a uma instituição de ensino superior.

Conforme a concepção dos professores questionados, a pesquisa é uma atividade básica para a formação de conhecimentos durante a vida escolar, uma vez que, como exercício de prática da metodologia científica, está diretamente relacionada às atividades de ensino-aprendizagem de ler, compreender, interpretar e escrever, proporcionando, dessa forma, a aquisição de conhecimentos. Ela possibilita ao aluno desenvolver a observação, a análise e a interpretação das fontes selecionadas e lidas, como pode ser comprovado através de apresentações orais e da produção escrita. Os novos conhecimentos adquiridos ajudam o aluno a transformar-se em um indivíduo responsável, que sabe se organizar e se posiciona

com autonomia diante de diferentes temas, graças a seu envolvimento pessoal e empenho na aquisição do conhecimento.

Os professores entrevistados vêem-se como leitores, como pesquisadores e consumidores de uma literatura pedagógica, lúdica e de auto-ajuda. Quanto a seus alunos, eles acreditam que oferecer listas ou indicar livros recomendados para a faixa etária dos alunos é uma forma oportuna de incitá-los à leitura, e, adaptando os conteúdos da disciplina aos objetivos da escola, procuram orientá-los sobre a importância da leitura, mesmo que se utilizem muito pouco da biblioteca escolar, onde costumemente procedem a uma simples leitura ou à busca por materiais diversificados de pesquisa. O aluno, por sua vez, afirma procurar penetrar no mundo do impresso, apontando o livro e a internet como seus itens preferidos de leitura. O interesse pela internet se intensifica nas últimas séries assim com a preferência de leitura de revistas dirigida a um público adulto, o que mostra um amadurecimento intelectual do aluno, uma necessidade de buscar fontes diversificadas de informação.

O professor parece ter consciência de que a mera proposta de um tema a ser pesquisado não encaminha o aluno a investigar sobre o assunto, por isso afirma utilizar discussões na sala de aula, levantamento de pontos polêmicos de um ou vários textos em busca de uma postura crítica em relação ao lido. Paralelamente, informa enfatizar para o aluno a importância de produzir textos claros e concisos, ainda que, para tanto, estes tenham que ser revistos e refeitos, numerosas vezes. Aparentemente, os professores e alunos entendem que pesquisar é descobrir e ler para ir além de uma simples compreensão. A análise comprova, porém, que é necessário um trabalho mais dirigido à formação e ao desenvolvimento do pensamento científico, ao despertar da curiosidade ou da necessidade de saber mais, de descobrir o que está por trás do que foi escrito, de tentar alcançar o diferente, o novo.

Dessa forma, este trabalho contribuiu para fomentar as discussões sobre a formação do conhecimento e a autonomia do aluno, através da pesquisa escolar, de modo a averiguar as peculiaridades de cada uma das etapas e os requisitos necessários para a realização de uma pesquisa, a fim de entender os possíveis benefícios que o ato de pesquisar possa trazer para a formação social de ambos, através da leitura crítica e da produção escrita autônoma. Dessa forma, fica aberta uma proposta para trabalhos futuros de averiguação de como professores e alunos realizam, efetivamente, a pesquisa em sala de aula, com a incumbência de acompanhar o trabalho preliminar utilizado pelo professor para despertar o interesse do aluno sobre o tema, trilhar os caminhos percorridos pelos alunos durante a seleção dos materiais, a leitura, as discussões, a elaboração do texto escrito e as apresentações orais ou exposição de murais. Por fim, é promissor também um estudo posterior que tenha como objeto de pesquisa as produções escritas sobre as descobertas realizadas e apresentadas pelos alunos e, posteriormente, avaliadas por seus respectivos professores, de maneira a caracterizar o posicionamento de autor do aluno em relação ao que escreve, nos moldes do que foi realizado por Castro (2004), em relação aos mestrados de Letras da UEM.

REFERÊNCIAS

AMORIM, M. A contribuição de Mikhail Bakhtin: a tripla articulação ética, estética e epistemológica. In: FREITAS, M. T. et. al (orgs.). **Ciências humanas e pesquisa: leituras de Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2003. v. 107.

BAGNO, M. **Pesquisa na escola: o que é e como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV, V.N.). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. Tradução de M. Lahud e Y. F. Vieira. 10. ed. São Paulo: Hucitec/Annablume, 2002.

BOOTH, W. C.; COLOMB, G. G.; WILLIAMS, J. M. **A arte de pesquisar**. Tradução de Henrique A. R. Monteiro. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

CASTRO, C. R. **A conquista da escrita autoral na pós-graduação: um processo a ser construído e estudado**. Dissertação (Mestrado). 2004. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2004.

CHARTIER, A.-M.; CLESSE, C.; HÉBRARD, J. **Ler e escrever: entrando no mundo da escrita**. Tradução de Carla Valduga. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

DEMO, P. **Pesquisa como princípio educativo na universidade**. In: MORAES, R.; LIMA, V. M. R. (orgs.). **Pesquisa em sala de aula: tendências para a educação em novos tempos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

EDNIR, M.; CARDOSO, B. **Ler e escrever, muito prazer**. São Paulo: Ática, 1998.

FARACO, C. A. **Escrita e alfabetização**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

FOUCAMBERT, J. **A criança, o professor e a leitura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

_____. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FRISON, L. M. B. Pesquisa como superação da aula copiada. In: MORAES, R.; LIMA, V. M. R. (orgs.). **Pesquisa em sala de aula: tendências para a educação em novos tempos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

GUEDES, P.; SOUZA, J. Não apenas o texto, mas o diálogo em língua escrita é o conteúdo da aula de português. In: **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999.

JOBIM e SOUZA, S. **Dialogismo e alteridade na utilização da**

imagem técnica em pesquisa acadêmica: questões éticas e metodológicas. In: FREITAS, M. T.; JOBIM e SOUZA, S.; KRAMER, S.(orgs.). **Ciências humanas e pesquisa:** leituras de Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2003. v. 107.

JOLIBERT, J. (coord.). **Formando crianças leitoras.** Tradução de Bruno C. Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. v. 1.

NERY, R. M. **Questões Sobre Questões de Leitura.** Campinas: Alínea, 2003.

POSSENTI, M. **Por que (não) ensinar gramática na escola?** Campinas: Mercado de Letras - ABL, 1996.

SUASSUNA, L. **Ensino de língua portuguesa:** uma abordagem pragmática. 5. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2002.

SERAFINI, M. T. **Como escrever textos.** 11. ed. São Paulo: Globo, 2003.

SILVA, E.T. **Criticidade e leitura:** ensaios. Campinas: Mercado das Letras, 1998. (Coleção Leituras do Brasil).

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura.** Tradução de Cláudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

TEBEROSKY, A. **Aprendendo a escrever:** perspectivas psicológicas e implicações educacionais. Tradução de Cláudia Schillings. 3. ed. São Paulo: Ática, 1997.